

## EDITORIAL

Carlos Guilherme do Valle  
Julie Cavignac  
Paulo Victor Leite Lopes

Fechando o ano de 2019, o presente número (54) da *Vivência*, Revista de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) continua com sua proposta editorial, oferecendo ao público leitor um novo dossiê, além de artigos, recebidos em fluxo contínuo. Inclui, deve-se destacar, o memorial da professora Elisete Schwade, docente do Departamento de Antropologia da UFRN, que consiste no capítulo final da edição aqui apresentada.

Intitulado *Universalidade e particularismos nos sistemas xamânicos dos povos ameríndios*, o dossiê aqui publicado apresenta o contínuo interesse acadêmico-científico de um dos temas consagrados em Antropologia, o xamanismo. Fruto da de parceria e diálogo acadêmico entre antropólogos de diferentes universidades e países, José Glebson Vieira (UFRN, Brasil), Sérgio Baptista da Silva (UFRGS, Brasil) e Antonella Fagetti (BUAP, México), esse dossiê inclui seis artigos e a apresentação escrita pelos coordenadores da referida empreitada intelectual. O dossiê tem um amplo e diverso espectro de experiências e pesquisas, que expõem situações etnográficas entre povos indígenas de diferentes regiões brasileiras e um caso específico de população autóctone do exterior, em particular o Noroeste argentino. Por meio dos artigos, ressalta a universalidade do xamanismo, atravessado, porém, por particularidades, o que evidencia uma das características do dossiê, lidar com essa dupla relação, o universal e o particular, envolvendo sistemas e práticas xamânicas. Os coordenadores do dossiê diferenciam seus seis artigos por meio de dois eixos. O primeiro deles inclui três artigos que estão voltados à dimensão cosmopolítica das práticas xamânicas, quais sejam: os artigos de Clementine Marechal, José Glebson Vieira e de Pedro Valério O segundo eixo corresponde aos trabalhos que abordam a relação do xamanismo e suas transformações ontológicas, inclusive considerando o delineamento de circuitos de trocas externas, compreendendo mais três artigos, o de Ugo Maia Andrade, o de Maria Eugênia Flores e o de Bruno Aroni. O dossiê evidencia uma iniciativa importante de mapeamento de uma temática cara da Antropologia como disciplina acadêmica.

Em seguida, temos quatro artigos que abordam assuntos variados, enviados em fluxo contínuo por seus autores à nossa revista. Dois deles tratam de questões relativas à temática indígena e seguem, portanto, os artigos que compõem o dossiê sobre xamanismo.

O artigo de Luís Roberto de Paula trata de sua experiência como antropólogo responsável por dois Grupos de Trabalho (GT) de identificação e delimitação de glebas respectivas vizinhas à uma determinada terra indígena Xavante. Leva em consideração os processos de negociação e disputa entre índios e não índios, tendo em vista as situações históricas, apoiando-se assim na proposta analítica de João Pacheco de Oliveira, e que configuram as situa-

ções etnográficas pesquisadas. A terra indígena Xavante privilegiada passou por quatro diferentes GTs, cujos percalços incluem a forte campanha negativa encampada pela imprensa do estado de Mato Grosso, além de estratégias de pressão local e regional, conforme diz o autor. Salienta, inclusive, como as interações dos próprios membros da equipe dos GTs assinalavam interesses divergentes a respeito da condução do trabalho técnico, o que descortinava inclinações político-ideológicas distintas, mas também tornava o trabalho mais moroso e cheio de percalços. De algum modo, a pressão política dos diversos grupos Xavante geraram impacto na realização de diversos GTs que produziam, aos poucos, a ampliação da terra indígena. O autor mostra, assim, o desenrolar do processo regulatório de diversas áreas de terra e das fronteiras territoriais, o que evidencia um campo intersocietário complexo e uma dinâmica tensa de interações, expectativas e conflitos.

No caso do artigo de Natália de Campos, temos uma reflexão a respeito da mobilização de pessoas, famílias e coletivos em torno dos usos terapêuticos da maconha. Apoiada por uma perspectiva foucaultiana e igualmente dialogando com Didier Fassin, dentre outros, a autora mostra como o Estado brasileiro vem considerando os dilemas em torno de uma substância que, considerada historicamente como “droga”, foi sendo ressignificada por meio de diferentes concepções morais, legais e biomédicas. O atual estatuto da maconha por meio de seu usos e fins medicinais passou a exigir novas políticas públicas, amparadas pela ideia de “direito individual à saúde”.

Eliseu Cruz, autor do artigo seguinte, explora as interações multiespécies que envolvem plantas, especialistas (biólogos) e estudantes em contextos que ele chama de “cenários botânicos”. Em tais situações e cenários, temos diferentes agentes mobilizados em/por processos de classificação a fim de descrever a diversidade ambiental, botânica e biológica. Com uma preocupação sobre o trabalho prático de biólogos e estudantes, o autor reflete sobre as dinâmicas técnicas que permitem a criação ininterrupta de diferenciações, produzida em especial pelos trajetos entre terrenos abertos e laboratórios.

O artigo de Renata Menasche, Jone Mirasse e Fabiana Cruz trata, em especial, dos modos em que as políticas públicas de segurança alimentar e nutricional têm efeitos diretos ou sofrem percalços por conta de uma determinada cultura alimentar. O contexto pesquisado é o interior de Moçambique, onde uma agência governamental estimulou o plantio determinado tubérculo que favoreceu os níveis nutricionais da população e reduziu significativamente as mortes por desnutrição. Contudo, esse cultivo passou a ser rejeitado localmente em razão da cultura alimentar, cujas características se singularizam por uma história colonial, o que teve efeito na aceitação, rejeição e desqualificação de certos cultivos em relação a outros. Trata-se de um texto bem interessante para se pensar a confluência entre as ideias morais de trabalho e honra familiar.

Para completar o presente número da *Vivência*, temos a enorme satisfação de publicar o memorial defendido pela professora Elisete Schwade, titular do Departamento de Antropologia e uma das pessoas mais diretamente responsáveis pela criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN. Tendo em vista sua preocupação constante pelas dinâmicas das relações plurais, Elisete Schwade assinala seus passos em termos das possibilidades de agência e dos questionamentos sociais das relações de poder, que impactaram e/ou condicionaram sua trajetória, vista como histórica e pessoalmente construída, inclusive pelo relato narrativo que ela própria elaborou. A partir de uma origem familiar camponesa, atravessada por deslocamentos geográficos, Elisete Schwade reconstrói sua trajetória pessoal, de trabalho e, ao mesmo tempo, de formação educacional, primeiramente no estado de Santa Catarina, onde fez seu mestrado em Antropologia (UFSC) e, posteriormente, já empregada na UFRN e

vivendo no Rio Grande do Norte, quando foi realizar seu doutorado na área na Universidade de São Paulo (SP). Essa mobilidade reflete o reconhecimento crescente da construção das diferenças sociais, por exemplo as questões relativas a gênero, cruciais para se entender sua trajetória, perpassada por um criterioso entendimento da própria subjetividade e, em paralelo, das implicações teóricas e metodológicas do tema da reflexividade. Tais focos e interesses vislumbraram “deslocamentos”, digamos, entre temas de pesquisa, pois Elisete Schwade, tendo se preocupado no mestrado com a mobilização social e política em uma comunidade camponesa de seu estado de origem, passou a pesquisar questões de gênero em contextos urbanos, em particular no Nordeste, região na qual se radicara. Trata-se de uma trajetória profissional e de vida exemplar em termos dos caminhos e andanças complexas que viveu, que foram se desdobrando, ao longo do tempo, nos projetos institucionais em que esteve envolvida, tal como a criação do Departamento de Antropologia, do PPGAS/UFRN e do grupo de pesquisa GCS (Gênero, Corpo e Sexualidades), mas também na formação de muitos alunos de graduação e pós-graduação. Boa leitura.